

Porto Novo: a materialização da “terra dos sonhos” no Extremo-Oeste de Santa Catarina na década de 1920

LEANDRO MAYER*

Resumo

Este artigo contextualiza na perspectiva da história regional, a implantação do Projeto de Colonização Porto Novo – atual município de Itapiranga/SC – em 1926, cujo modelo recebeu exclusivamente (i) migrantes alemães e católicos, formando uma comunidade homogênea em termos étnicos e religiosos. Estampada nas propagandas como a “terra dos sonhos”, o projeto foi idealizado pela *Volksverein* – Sociedade União Popular, entidade fundada pelos padres Jesuítas.

Palavras-chave: Itapiranga; *Volksverein*; alemães; católicos.

Abstract

This paper contextualizes, from the perspective of regional history, the implementation of the Porto Novo Settlement Project (current city of Itapiranga, Santa Catarina) in 1926, the model received only German and Catholic migrants and immigrants, therefore forming a homogeneous community in ethnic and religious terms. Printed in advertisements as the "land of dreams", the project was conceived by *Volksverein* - People's Union Society, an organization founded by the Jesuits in 1912.

Key words: Itapiranga; *Volksverein*; Germans, catholic.



* LEANDRO MAYER é mestre em História pela Universidade de Passo Fundo, Professor da rede pública estadual de ensino de Santa Catarina. E-mail: mayerleandro@yahoo.com.br.

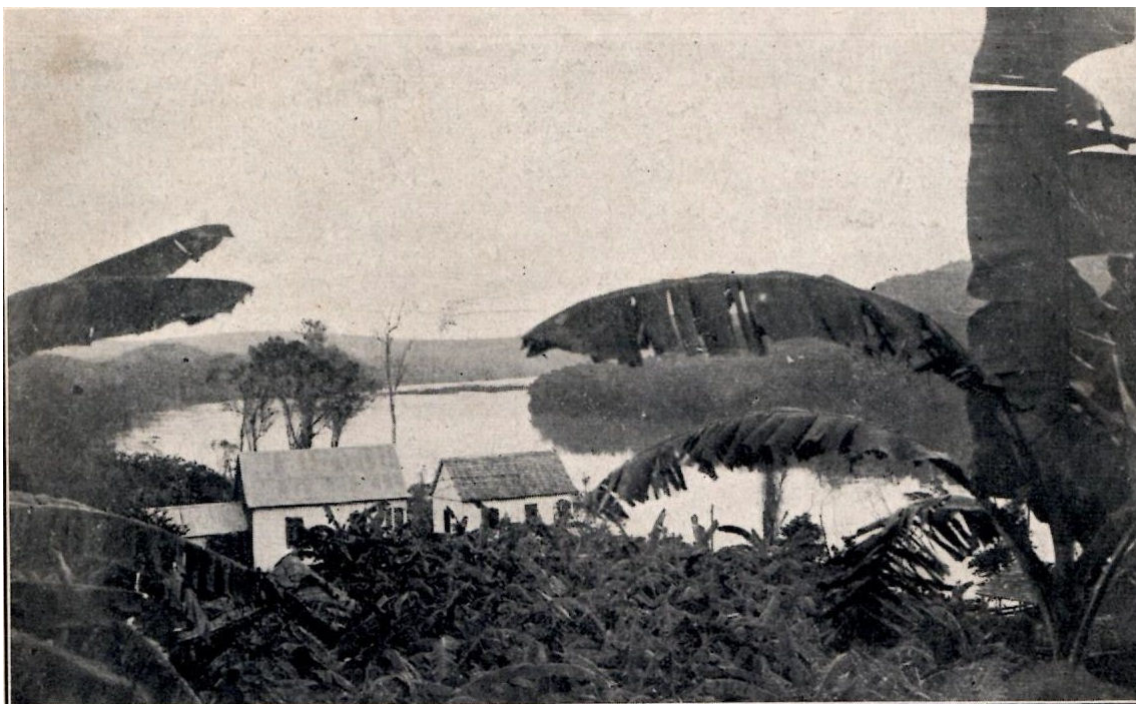


Foto de Porto Novo na década de 1930. Aos fundos, o Rio Uruguai. A imagem foi publicada no livro de propagandas da Volksverein sobre a colônia Porto Novo - Porto Novo: *Urwaldsiedlung deutscher katoliken in Südbrasilien*. Fonte: Memorial Jesuíta Unisinos.

Introdução

O artigo trata do projeto de colonização Porto Novo, fundado em 1926, em terras situadas no Oeste de Santa Catarina, às margens do Rio Uruguai. Uma colonização homogênea, planejada, organizada e promovida pela *Volksverein für die Deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul* - Sociedade União Popular para Alemães Católicos no Rio Grande do Sul, fundada em 1912 pelos Jesuítas de São Leopoldo, R.S. Entre os colonos, era conhecida simplesmente como *Volksverein* - Sociedade União Popular.

Já nos primeiros anos de fundação, a colônia Porto Novo recebeu milhares de (i) migrantes, oriundos em sua maioria, das colônias velhas do Rio Grande do Sul, todos por sua vez, alemães e católicos, formando uma organização coletiva teuto-católica, uma comunidade alicerçada na homogeneidade étnica e

religiosa e no rígido controle social exercido pelo clero.

Porto Novo foi uma colônia próspera, a idealização de um sonho de formar uma comunidade que possibilitasse a reprodução étnico-confessional. Em maio de 1929 a colônia passou a ser denominada Itapiranga¹, por sugestão do então Presidente de Estado de Santa Catarina Adolpho Konder, em visita à colônia. Desta maneira, durante o artigo, os nomes Porto Novo e Itapiranga poderão ser empregados em diferentes momentos e situações históricas de contextualização, sem prejuízo ao contexto em que se inserem.

¹ O termo "Itapiranga" é de origem tupi e significa "pedra vermelha".

A fundação da colônia Porto Novo: uma organização coletiva teuto-católica

Conforme Neumann (2014), os projetos de colonização étnica eram bem vistos “pela ala germanista” do estado do Rio Grande do Sul, enquanto projetos de colonização mistos eram criticados pela “despreocupação com questões étnicas e confessionais”. E considera:

Dentre os maiores críticos, estavam os jesuítas católicos, envolvidos diretamente na assistência religiosa da zona colonial alemã e italiana e ligados ao Bauernverein, os quais defendiam, abertamente, a colonização confessional e étnica, tendo como seus expoentes os padres jesuítas Theodor Amstad, João Evangelista Rick e Max von Lassberg (NEUMANN, 2014, p. 98).

A fundação da colônia Porto Novo está associada a este contexto: o desejo de fundação de um núcleo que possibilitasse a reprodução étnico-confessional. A intenção inicial era fundar essa nova colônia no Rio Grande do Sul, porém, o governo daquele estado não autorizou a instalação de uma colonização cujo princípio de ocupação fosse a homogeneidade étnica e religiosa, como pretendiam os dirigentes da *Volksverein*. A partir daí, buscou-se o estado vizinho, Santa Catarina, para a implantação do projeto de colonização. A decisão de fundação do Projeto Porto Novo foi tomada na reunião dos delegados das Caixas Rurais em 26 e 27 de abril de 1925 (JUNGBLUT, 2000, p. 74).

Diante da decisão de formação de um povoado confessional católico e alemão, meses depois, em 28 de janeiro de 1926, ocorreu a primeira compra de terras adquiridas por força de contrato, compondo 100 lotes, no extremo oeste

de Santa Catarina. “As terras ofereciam uma vantagem rara no sul do Brasil” (RABUSKE; RAMBO, 2004, p. 59). Conforme Franzen (2014), o empreendimento foi financiado pela Cooperativa de Crédito *Sparkasse*², e manteve “uma forte ligação com o estado do Rio Grande do Sul” (ROHDE, 2011, p. 29). De fato, a localização da colônia Porto Novo, como podemos observar no mapa a seguir, situa-se numa região de fronteira: com o Rio Grande do Sul – onde a divisa é dada pelo Rio Uruguai; e com a Argentina – cuja divisa ocorre pelo Rio Peperi Guaçu³. O projeto de colonização Porto Novo torna-se “o primeiro prolongamento da colonização teuto-brasileira católica do Rio Grande do Sul em Santa Catarina” (HEINEN, 1997, p. 71).

² Sua origem está no Padre Theodoro Amstad, S.J. “Ainda em 1904 organizou verdadeiro sistema bancário para os agricultores, chamado “Sparkasse”, “Caixa Econômica”, com o nome oficial de “Cooperativa de Crédito Rural”. A Agência Central foi instalada em Porto Alegre, com filiais em 65 núcleos rurais. A fundação efetuou-se na Linha Imperial, município de Nova Petrópolis, onde está o principal monumento a seu fundador. Itapiranga e São Carlos tiveram suas Caixas Rurais, em 1932. A de Itapiranga continua hoje com notável movimento. O sistema é muito semelhante ao das Cooperativas de Crédito, dos últimos anos (HEINEN, 1997, p. 72).

³ Como se pode perceber pelo mapa, a região de abrangência da colônia Porto Novo é delimitada por duas fronteiras importantes: ao Sul com o estado do Rio Grande do Sul, e, a Oeste com a Argentina. Como veremos mais adiante, esta situação de fronteira foi palco de cenas muito conturbadas durante o período do Estado Novo, com a repressão aos alemães, visto que, nesta colônia de ocupação alemã, numa zona de fronteira, estava localizado um povoamento homogêneo de alemães católicos. Além do mais, a proximidade com a fronteira Argentina se tornaria outro agravante. Poderiam ser estes colonos ali estabelecidos uma ameaça à segurança nacional? Mais adiante, aprofundaremos este assunto.

Após a efetivação da primeira compra de 100 lotes pela *Volksverein*, novos lotes foram comprados, chegando-se ao total de 583.975.705,40 metros quadrados de área (o equivalente a 58.397 hectares), que foram divididos em 2.340 lotes, cada qual, com 24,8 hectares em média, tornando-se esta, a delimitação territorial do projeto de colonização Porto Novo, se diferenciando de qualquer outra colonização, especialmente pelo seu modelo de separação étnico e confessional (RAMBO, 2011).

Uma vez efetuada a aquisição de terras, a campanha publicitária sobre Porto Novo foi desencadeada. A entidade *Volksverein* inicia a veiculação de propagandas sobre o novo empreendimento colonizador. Para isso, faz uso de seu principal meio de comunicação com os associados: a revista *Skt Paulusblatt*. Os anúncios do empreendimento eram inicialmente convites para interessados conhecer o projeto:

Viagem para conhecer as terras de Porto Novo e Porto Feliz. Depois da Páscoa realizarei uma viagem, como guia autorizado de um grupo numeroso de colonos católicos e evangélicos interessados em comprar terras nas áreas de Porto Novo e Porto Feliz, respectivamente. Aqueles que ainda querem se integrar ao grupo, deverão estar no Hotel Müller, em Santa Maria, o mais tardar sábado, dia 10 de abril. A longa viagem será iniciada na manhã seguinte. Trazer o poncho. C. F. Rohde – Estrela (*apud* ROHDE, 2011, p. 30).

No anúncio publicado, percebemos que, menos de três meses depois da consolidação da negociação das terras pela *Volksverein*, as primeiras comitivas de “compradores alemães” visitavam Porto Novo, cujas terras eram

prometidas como muito férteis, a “terra dos sonhos”. Pe. Rick, conhecido como “pai dos colonos” entre os teutos, responsável direto pela implantação do Projeto Porto Novo, em 1928 publicou um artigo na edição 26 do jornal *Deutsches Volksblatt*, sob o título “*Fünf Monate in Porto Novo*” (Cinco meses em Porto Novo), onde apontava algumas razões para os colonos adquirirem lotes em Porto Novo:

Para uma colônia nova, devem considerar-se os seguintes aspectos: qualidade do solo, condições de água, clima, elemento humano colonizador, possível colocação dos produtos, e atendimento religioso e escolar.

Tem o vale do Uruguai **terras cultiváveis de primeira classe** sendo elas em geral de húmus profundo e de acidentes pouco montanhosos.

Todo o vale do Uruguai tem, segundo a estatística meteorológica, **precipitações de chuva tão freqüentes ou maiores do que as de todo o Rio Grande do Sul**; daí os numerosos arroios e a facilidade de encontrar água de poço, isto é, potável.

[...]

O material humano dos colonos é o de uma só casta ou espécie: compõe-se ele de católicos alemães do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Prova notoriamente a experiência que apenas tais colônias dão certo, e isso para longos tempos. Se uma colônia qualquer se acha mesclada de etnias e de crenças religiosas, então torna a migrar mais tarde uma parte dos colonos, e assim a unidade inicialmente negligenciada se vem a recompor à custa dos emigrados. Quem conhece a “Serra” gaúcha, sabe como isso

sucede. Somente há continuidade numa colônia uniforme.

[...]

Porto Novo se apresenta rico em questão de moços jovens e enérgicos, mas é pobre quanto a moças jovens e aptas para o casamento. Por isso **de momento deve recomendar-se seriamente Porto Novo a famílias cheias de moças** (casadouras).

[...]

Lá na novel colônia somente existe terra nova, abundante e barata, enquanto aqui (no RS) apenas há pouca e cara (RABUSKE; RAMBO, 2004, p. 173-178, **grifos nossos**).

Percebe-se uma propaganda direta, dirigida aos colonos em prol da recém-criada colônia Porto Novo. Como um todo, as propagandas se intensificaram nas colônias velhas do Rio Grande do Sul, cujas terras estavam escassas e subdivididas, uma problemática associada ao crescimento demográfico, sendo que a alternativa das famílias era a subdivisão das propriedades, embora, “subdividir as propriedades uma ou duas vezes significava condenar à miséria as famílias que delas dependiam” (RAMBO, 2011, p. 175). Esses fatores impulsionaram os descendentes de imigrantes a migrarem em busca de novas regiões de colonização, favorecendo para que muitos colonos, em sua maioria jovens, buscassem a nova colônia em formação, que a essa altura tinha a promessa de ser uma terra muito promissora para o desenvolvimento da agricultura.

As propagandas eram o principal chamarisco dos colonos, e muitos eram convencidos pelos anúncios. Em janeiro de 1929, propaganda na revista *Skt. Paulusblatt* apresentou dez razões para encorajar os compradores, chamando

atenção, a fertilidade do solo e a ausência de formigas, que proporcionariam colheitas férteis, comercializadas a bons preços. A vida comunitária é apresentada como harmoniosa, possibilitando uma boa educação aos filhos, um povoado sem intrigas entre os moradores e assistido religiosamente por dois padres. Encostando-se ao estado do Rio Grande do Sul, a publicação enfatiza que a colônia Porto Novo já conta com muitos moradores estabelecidos, tendo como base da organização a *Volksverein*, “que se preocupa com o futuro”. Para muitos, Porto Novo representava além de uma nova frente de colonização, uma alternativa para um futuro melhor. Além da promessa de encontrar terras férteis para a agricultura, o preço dos lotes era um atrativo à parte, se comparado aos preços praticados no Rio Grande do Sul no mesmo período, que por sua vez, tinha terras mais desgastadas, portanto, menos produtivas.

As propagandas sobre Porto Novo nas colônias velhas foram essenciais para a migração de colonos, o que pode ser comprovado nas falas de pioneiros que seguem:

Foi então que no final da década de 1920, **após ouvirem falar bastante sobre o Projeto de Colonização Porto Novo, decidiram se migrar para essa região**, trazendo na bagagem alguns poucos pertences e as crianças nascidas em Rolante. A viagem foi realizada de caminhão até o município de Mondaí, donde os imigrantes seguiram de lancha sobre o Rio Uruguai até chegarem à casa do Imigrante, que se localizava no local onde hoje funciona o Açougue Berwanger, junto ao trevo em Itapiranga (JORNAL EXPRESSÃO, 2009, ed. 228, p. 10, **grifos nossos**).

De Santa Cruz do Sul a Porto Novo – [...] Pedro nasceu em Santa Cruz do Sul [...] Como tantas outras famílias da época, também a **família Wink foi atraída para Porto Novo em função da propaganda** que existia em relação a qualidade da terra disponível em nossa região. Em Santa Cruz do Sul as terras já estavam desgastadas e havia poucos recursos para fertilização (JORNAL EXPRESSÃO, 2010, ed. 255, p. 17, **grifos nossos**).

Elvira Otília Luft por sua vez, nasceu em Poço das Antas, Boa Vista, no Rio Grande do Sul. [...] Sua família se mudou para Itapiranga em 1948 quando Elvira já tinha 19 anos. Em Poço das Antas a família se dedicava à agricultura de subsistência e **foi atraída para Itapiranga pela propaganda que existia em relação a grande fertilidade da terra** (JORNAL EXPRESSÃO, 2010, ed. 255, p. 17, **grifos nossos**).

Apesar da vida tranquila perto dos familiares, Bruno e Rosa sentiam de que o solo da propriedade em que moravam já apresentava graves problemas de fertilidade, devido às intensas colheitas feitas já há muito anos pelos colonizadores das velhas colônias do Rio Grande do Sul. Era preciso buscar um solo fértil para continuar a construir a família. Nesse sentido constantemente **ouviam-se nas rodas de conversas e nas reuniões comunitárias a propaganda de uma nova terra**, uma nova colônia que estava de portas abertas para receber agricultores interessados em cultivar um solo fértil e construir os valores familiares e comunitários nos velhos e bons costumes cristãos (JORNAL EXPRESSÃO, 2011, ed. 298, p. 37, **grifos nossos**).

Nos depoimentos acima descritos, percebemos que o emprego da

propaganda em relação à terra fértil e dos bons costumes cristãos de Porto Novo foram os fatores que impulsionaram e encorajaram os colonos a migrar para a colônia, a “terra dos sonhos”. A escassez de terra, os elevados preços e a baixa fertilidade do solo nas colônias velhas passam a ser decisivos para a migração.

Por se tratar de um empreendimento iniciado em meio à floresta considerada “intocada” pelos pioneiros, com o acesso à colônia sendo possível apenas pelo Rio Uruguai fez com que nos primeiros anos os colonos de Porto Novo enfrentassem uma considerável carência em termos de estrutura básica, especialmente aqueles relacionados à saúde. Assim, a chegada à colônia em 1927 de uma parteira foi motivo de orgulho entre os moradores, e o fato foi noticiado na revista *Skt Paulusblatt*, no intuito de encorajar outros compradores de lotes para Porto Novo: “outras vantagens: terra de excelente qualidade, direção regulamentada, parteira diplomada morando no local” (apud ROHDE, 2011, p. 33).

A ocupação de Porto Novo e a formação da homogeneidade étnica e religiosa

A homogeneidade da colônia Porto Novo está associada à origem dos “compradores das terras”: para ter direito à posse, o comprador deveria ser de origem alemã e católica. Com essas exigências, pretendia-se formar uma colônia étnica e religiosamente homogênea, com famílias católicas e alemãs. “Os migrantes recrutados deveriam enquadrar-se nos requisitos que a Igreja Católica impunha para a vanguarda dos benefícios espirituais e cuidados culturais, além da socialização das oportunidades de trabalho” (EIDT, 1999, p. 9). Essa preocupação quanto ao caráter normativo das colonizações

alemãs percebe-se nas palavras de Beschlüsse, líder comunitário em fala proferida na assembleia do *Katholikentag* em Serro Azul em 1928: “a assembleia geral adverte os colonos a escolher as colônias católicas para novas colonizações, pois como a experiência sempre nos ensinou, as colônias separadas religiosa e linguisticamente são a garantia da manutenção da nossa religião, costumes e tradições” (BESCHLÜSSE, *apud* WERLE, 2011, p. 170).

É possível denotar que o foco era formar uma colonização homogênea em termos linguísticos e religiosos, diferente do modelo de colonização que ocorreu em outras regiões de Santa Catarina, onde os lotes de terra eram comercializados a “qualquer interessado”, visto que o modelo era “comercial”. Neste sentido, o projeto de colonização estabelecido em Porto Novo se distinguiu de todos os outros modelos.

Gradativamente a homogeneidade – claramente defendida pelo projeto da *Volkverein* – se tornava realidade. Considerável progresso e procura por lotes de terras foram registrados nos primeiros anos de implantação do projeto de colonização. Apesar das dificuldades iniciais de implantar um modelo colonizador em meio a mata densa e virgem, sem nenhuma estrutura de acesso, como *estradas*, por exemplo, certamente o espírito solidário e comunitário foi essencial para que o modelo prosperasse.

Sobre o espaço regional constituído na colônia Porto Novo em torno de elementos homogêneos, Viscardi argumenta que:

O espaço regional consiste em uma construção abstrata, elaborada no decorrer do tempo por atores coletivos que a ele se relacionam

direta ou indiretamente. É formado por um conjunto de valores socialmente aceitos e partilhados pelos seus agentes, que conferem à região uma identidade própria, capaz de gerar comportamentos mobilizadores de defesa de interesses. (VISCARDI, 1997, p. 95).

O crescimento populacional da colônia era perceptível. Rohde escreve que o progresso era evidente na nova colônia e esta saltava a olhos vistos. Cita por exemplo, o número de pessoas que fixaram residência em Porto Novo no primeiro semestre de 1931, cinco anos após o surgimento do empreendimento: “358 colonizadores migraram para Porto Novo entre 1º de janeiro e agosto de 1931. Com isto o número de habitantes, contando-se os nascimentos ocorridos aqui, chegava a quase 2.000 pessoas” (ROHDE, 2011, p. 153). Isso comprova que, em poucos anos, a procura pelos lotes de terra em Porto Novo era significativa, o que Koelln conclui que “Porto Novo crescia e prosperava sob uma direção segura e enérgica, incentivada e apoiada pela Igreja Católica” (KOELLN, 1980, p. 57).

A procedência dos primeiros colonos que inicialmente se instalaram em Porto Novo, eram filhos daqueles que durante o século XIX haviam emigrado para o Rio Grande do Sul. “Somente por volta de 1932 os *Bundesdeutsche*, imigrantes vindos diretamente da Alemanha, os *Deutscherumänen*, da Bessarábia, Romênia, assim como alemães que saíram de outras colonizações começaram a migrar para a colônia da *Volkverein*” (WERLE, 2011, p. 178).

A colônia Porto Novo se tornava referência para a *Volkverein* e era com frequência estampada em propagandas, especialmente na revista *Skt. Paulusblatt*. Excerto do relatório anual

do *Skt. Paulusblatt* – 1930 faz referência à promissora colônia: “Os números provam, aos leitores, que a evolução do empreendimento, está além do esperado [...] que Porto Novo se tornasse o que é hoje: uma colonização modelar, com um futuro promissor” (apud ROHDE, 2011, p. 153). Para a autora, o progresso segue nos anos subsequentes, e a colônia Porto Novo representa um empreendimento exitoso, nunca antes visto entre os sistemas de colonização. Para a *Volksverein*, significava a realização de um ideal. Em 1938, Porto Novo contava com mais de 6 mil habitantes, distribuídos em 17 comunidades (ROHDE, 2011).

Assim se consolidou a formação homogênea de Porto Novo em torno dos quesitos religiosos e étnicos, sendo que estes, para Nodari, são uma maneira interessante para atrair pessoas que pretendem conviver com indivíduos do mesmo credo ou etnia, mantendo suas práticas sócio culturais, “definindo, assim, num primeiro momento, uma cultura étnica que gerava solidariedades no seu interior e que os mantinha distantes de tensões internas e externas” (NODARI, 2009, p. 47). A homogeneidade religiosa era defendida pelos religiosos, entre eles, o Pe. Lassberg, o qual “era insistente toda vez que falava de colonizações argumentando que a convivência entre protestantes e católicos deveria ser amistosa, mas que os evangélicos deveriam morar numa picada e os católicos numa outra” (JUNGBLUT, 2015, p. 71).

1931: imigrantes natos – *Deutschländer*⁴ – se estabelecem em Porto Novo

Na Europa, o período entre guerras foi um dos mais difíceis e complicados vividos na Alemanha. Muitas pessoas residentes nas cidades, conhecedores de um ofício, estavam desempregadas. Por intermédio da *Volksverein*, através da intensificação de propagandas sobre Porto Novo, a partir de 1931 foi promovida a vinda de inúmeros *Deutschländer* para a colônia. Muitos se instalaram na linha Presidente Becker⁵, que, geograficamente, se localizava próximo da fronteira com a República Argentina, ao longo do rio Peperi Guaçú, uma grande área de terra que ainda não estava loteada. Sobre a imigração destes, lemos na edição 895 do Jornal Força d’ Oeste, o depoimento de Estevão Wohlfart, que relata a vinda de sua família para o Brasil em 1934, se estabelecendo na Linha Presidente Becker:

- Meu pai (Georg) serviu no exército alemão durante a primeira guerra mundial. Sentiu na pele o conflito da guerra, chegou a comer inclusive tripas (intestinos) de cavalos para não morrer de fome. Um irmão de minha mãe também foi soldado combatente e perdeu a vida na guerra. A ascensão de Hitler ao poder em 1933 fez com que surgissem rumores sobre novos conflitos na Europa. Assim, **o medo de um novo conflito, associado à**

⁴ Originários de várias regiões da Alemanha.

⁵ Isso justifica a formação e atual conjuntura de *linha Presidente Becker* - nome dado à comunidade em homenagem ao primeiro presidente da *Volksverein* Jacob Becker. As famílias residentes na comunidade hoje, em sua grande maioria são descendentes de imigrantes vindos da Alemanha. Foi nessa comunidade que, em 1978, surgiu a Oktoberfest, cuja festa dá ao município de Itapiranga o título de Berço Nacional da Oktoberfest.

escassez de terras para a agricultura, fizeram com que muitos alemães procurassem outros países, como foi o caso deste grupo de imigrantes que veio para o Brasil, especificamente para a **Colônia Porto Novo**, conhecida na Alemanha através de propagandas (JORNAL FORÇA D' OESTE, edição 895, p. 03, **grifos nossos**).

A reportagem ainda é bastante esclarecedora no que diz respeito às propagandas que circulavam na Alemanha sobre Porto Novo. Explica Wohlfart que:

foi por intermédio do **Catholic RaphaelsVerein** – Sociedade Católica Rafael de Hamburg, que **fazia constantes propagandas sobre o projeto de colonização Porto Novo da Volksverein** – Sociedade União Popular, que formara a partir de 1926 uma colônia para alemães católicos em Santa Catarina. Aquela propaganda foi essencial para a vinda destas famílias. Imagina, eles estavam saindo da Alemanha para um lugar onde também **residiam somente alemães católicos**. Isso soava muito bem na Alemanha naquela época e fez com que muitos procurassem por Porto Novo. Sabiam que viriam para uma das regiões que oferecia uma das 'melhores condições de vida do Brasil' e com as melhores terras cultiváveis do Sul. Esse era o entendimento que os imigrantes tinham do Brasil e da colônia Porto Novo, embora saibamos hoje que eram apenas propagandas. Ao chegarem em Porto Novo, havia uma escassa estrutura, onde praticamente tudo ainda estava por se fazer (JORNAL FORÇA D' OESTE, edição 895, p. 03, **grifos nossos**).

O que podemos presumir é que, as propagandas sobre as colônias de

alemães no Brasil, especialmente aquelas do sul do país, foram decisivas para a vinda de muitos europeus, especialmente alemães. No livro *Espírito Pioneiro* de Maria W. Rohde, em referência ao ano 1931, a autora escreve que “o nome Porto Novo começava a representar uma luz no céu escuro da depressão europeia” (ROHDE, 2011, p. 166). O termo depressão europeia vem caracterizar o período entre guerras vivido na Europa. A Alemanha, derrotada na 1ª Guerra Mundial, passava por grandes dificuldades, especialmente relacionadas ao desemprego em massa. A possibilidade de alguém se tornar agricultor (*Kolonist*) no Brasil é vista com bons olhos na Alemanha, especialmente por se acreditar que a agricultura podia garantir o sustento familiar. Esse discurso de se tornar agricultor no Brasil, onde “na pior das hipóteses” seria produtor de seu próprio sustento, foi responsável por trazer muitos imigrantes *Deutschländer* a Porto Novo, sem que muitos destes tivessem a mínima noção de agricultura, fazendo com que passassem por grandes dificuldades. Muitos não se adaptaram à nova condição de vida estabelecida e, anos mais tarde, retornaram à Alemanha.

A imigração dos alemães “natos” a Porto Novo está associada a um pedido de ajuda da entidade alemã – *Raphaels-Verein* – para a *Volksverein*, para que esta intermediasse a vinda de jovens agricultores para as suas colônias no sul do Brasil, auxiliando-os a se instalarem e adaptarem às condições de vida e trabalho no Brasil. Sobre esse pedido de ajuda, lemos em Rohde:

A 'Skt Rafelverein' está disposta a não ignorar a nova situação da emigração, e aceita arcar com parte da responsabilidade e do trabalho. Ele se dirige à 'Volksverein', dos

católicos do Rio Grande do Sul, com um pedido sincero de ajuda. Como as florescentes colônias alemãs do Rio Grande devem grande parte de seu desenvolvimento à imigração, assim esperamos que o apoio que a 'Volksverein' nos vier a dar, reverta em benefícios para suas colônias (ROHDE, 2011, p. 168).

Havia interesse para que estes alemães pudessem vir para o Brasil e, a colônia Porto Novo parecia ser uma alternativa viável. Com a parceria firmada entre a *Volksverein* e a *Raphaels-Verein*, Rohde (2011) argumenta que a administração local do projeto Porto Novo fez o melhor possível para receber e instalar os imigrantes. Para isso, viabilizou a demarcação de um perímetro para instalar os colonizadores provenientes da Alemanha, dando-lhes, inclusive, a possibilidade de se assentar como um núcleo fechado em si mesmo, ou seja, separados dos moradores provenientes de outros lugares, como por exemplo das colônias velhas, o que possibilitaria, no entender da Colonizadora *Volksverein*, aos imigrantes “natos”, uma melhor adaptação e, ao mesmo tempo, faria com que não se sentissem deslocados de seu mundo, visto que estariam morando no mesmo núcleo, exclusivamente famílias provenientes da Alemanha.

A instituição do núcleo fechado de Linha Presidente Becker trouxe um novo cenário para Porto Novo. Por si só, a colônia Porto Novo já era uma colonização fechada, reservada para alemães católicos, e, a partir de agora, dentro da colônia que já apresentava fortes características de homogeneidade étnica e religiosa, implanta-se um núcleo, um nicho, que se diferencia do restante da colônia. Percebe-se portanto, que a colonização Porto Novo começa a apresentar características bastante

peculiares, e, gradativamente o núcleo de Linha Presidente Becker se fecha em torno de seus moradores.

Apesar dos esforços por parte da colonizadora *Volksverein* em dar estrutura e suporte aos *Deutschländer*, cerca de ¼ destes, nos anos 50 e 60 deixou a colônia Porto Novo e retornaram à Alemanha. A razão principal foi a não adaptação à atividade agrícola. É sabido que, além da não adaptação à atividade agrícola, conforme observamos no depoimento de Wohlfart, o pós-guerra na Europa estava propício à volta destes *Deutschländer* ao país de origem, de onde muitos saíram na década de 1930 justamente pelo desemprego que afetava diretamente milhões de pessoas no período entre guerras, por não concordarem com a política instituída por Adolf Hitler ou ainda, por receio de um novo conflito bélico, como de fato ocorreu na década seguinte. Sendo assim, atraídos ao Brasil por meio de propagandas ou até mesmo recrutados pelas companhias colonizadoras. É inegável afirmar que agora, o momento europeu, especialmente o alemão, era outro.

Quanto à formação e ocupação do núcleo de Linha Presidente Becker, não sabemos se o interesse maior da *Volksverein* estava em realmente atender a um clamor da entidade *Raphaels-Verein* da Alemanha, ou, se esse clamor de ajuda se transformou para os dirigentes e administradores da colonização Porto Novo numa oportunidade para venda de lotes de terra para estes alemães “natos” – *Deutschländer*, que estavam em busca “de luz” diante do “céu escuro da depressão europeia”, estando o caso aberto para estudos futuros.

Considerações finais

Em linhas gerais, a colonização de Porto Novo teve características de relativa homogeneidade étnica e religiosa. Executado pela *Volksverein* e desenvolvendo-se em meio a uma região de matas cujos limites geográficos são o estado do Rio Grande do Sul e a República Argentina, a colônia atraiu milhares de colonos a partir de 1926 oriundos principalmente das colônias velhas do Rio Grande do Sul, graças às propagandas estampadas com frequência em periódicos. Pelas características abordadas ao longo do estudo, podemos seguramente concluir que Porto Novo se diferenciava dos demais modelos de colonização da época, justamente por ter direcionado a venda de seus lotes a indivíduos que se enquadravam a um “perfil desejado”: ser católico e alemão. Além disso, chama atenção que, além da própria colônia apresentar características germanistas, a partir de 1931 ainda se forma em seu interior outro núcleo – a Linha Presidente Becker – que recebe exclusivamente imigrantes natos da Alemanha – *Deutschländer*. Portanto, constituiu-se uma célula alemã dentro da colônia, que por si só, já apresentava características distintas das verificadas em outros projetos de colonização.

Todo processo teve a articulação dos padres Jesuítas, que estavam à frente da *Volksverein*, ou seja, eram os principais articuladores mentores da organização coletiva teuto-católica, exercendo estes, o controle social da colônia diante da ausência do Estado durante os primeiros anos de existência do povoado.

Esta homogeneidade constituída, especialmente a étnica, foi determinante para as consequências que Porto Novo passaria a sentir a partir da instituição do Estado Novo e da Campanha de Nacionalização a partir de 1937, quando

a colônia passa a ser vista como “quisto étnico”, uma “ameaça à segurança nacional”, temas a serem abordados em estudos futuros.

De origem germânica, Itapiranga é um município que atualmente conta com uma população de 16.400 habitantes. É o Berço Nacional da Oktoberfest, festa típica de origem germânica que surgiu entre os moradores *Deutschländer* da Linha Presidente Becker em 1978.

Referências

- EIDT, Paulino. **Porto Novo: da escola paroquial ao projeto de nucleação – uma identidade em crise**. Ijuí: Editora da Unijuí, 1999.
- FRANZEN, Douglas Orestes. **Frigorífico Safrita de Itapiranga: um projeto de desenvolvimento regional no extremo oeste catarinense**. Porto Alegre: Letra e Vida, 2014.
- HEINEN, Luiz. **Colonização e desenvolvimento do Oeste de Santa Catarina – aspectos sócio-políticos, econômicos e religiosos**. Joaçaba: UNOESC, 1997.
- JUNGBLUT, Roque. **Documentário Histórico de Porto Novo**. São Miguel do Oeste: Arco Íris Gráfica e Editora, 2000.
- _____. **Max von Lassberg: vida – obras – tributos**. Porto Alegre: Letra e Vida, 2015.
- KLAUCK, Samuel. Representações da organização familiar e comunitária dos teuto-brasileiros católicos do Rio Grande do Sul a partir da revista *St. Paulus-Blatt* (1912 a 1934). **História: debates e tendências**, Passo Fundo, v. 14, n. 1, jan./jun. 2014, p. 141-152.
- KOELLN, Arno. **Porto Feliz: a história de uma colonização as margens do Rio Uruguai**. Mondaí: Coordenadoria Municipal de Ensino, 1980.
- NEUMANN, Rosane Márcia. Imigração e identidade étnica: a construção do “ser alemão” no Sul do Brasil. **História: debates e tendências**, Passo Fundo, v. 14, n. 1, jan./jun. 2014, p. 94-107.
- NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2009.

_____. A dor do esquecimento: as marcas da ditadura Vargas no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis: **História Oral**, v. 12, n. 1-2, p. 157-176, jan.-dez., 2009.

RABUSKE, Arthur e RAMBO, Arthur Blásio. **Pe. J. E. Rick, Sj: Cientista, colonizador, apóstolo social, professor**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

RAMBO, Arthur Blásio. **Somando forças: o projeto social dos Jesuítas do sul do Brasil**. São Leopoldo: UNISINOS, 2011.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Tradução Emery Ruas. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

ROHDE, Maria W. **Espírito Pioneiro: a herança dos antepassados**. Itapiranga: Gráfica e Editora Porto Novo, 2011.

VISCARDI, Claudia. História, região e poder: a busca de interfaces metodológicas. Juiz de Fora: **Locus**, v. 3, n. 1, p. 84-97, 1997.

WERLE, André Carlos. **Porto Novo: o reino jesuítico germânico no oeste de Santa Catarina**. Curitiba: CRV, 2011.

Recebido em 2016-01-18
Publicado em 2016-07-15-